

ENTRE IMAGENS E DESLOCAMENTOS: DESCAMINHOS DE UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Leandro Belinaso Guimarães

PPGE/Universidade Federal de Santa Catarina
lebelinaso@uol.com.br

Juliana Evelyn dos Santos

Universidade Federal de Santa Catarina
dot_ju@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo busca refletir sobre uma experimentação singular de pesquisa em educação ambiental. O objetivo central do texto é mostrar os descaminhos metodológicos da investigação e seus modos intrincados de construção, concernentes aos desejos políticos dos autores. Não concedemos no artigo uma importância às explicitações das articulações teóricas da pesquisa, que são, apenas, pinçadas e marcadas sutilmente ao longo do texto. A investigação buscou inspiração em uma educação ambiental pós-moderna, articulada teoricamente ao campo multifacetado e contestado dos estudos culturais e pretendeu promover deslocamentos nos modos de ver, narrar e pensar um parque urbano de proteção ambiental localizado na região metropolitana de Florianópolis, Sul do Brasil. Tal local é comumente visto e narrado como “desértico” e abandonado, como um lugar de “estranhos”, pelos moradores do seu entorno, tal como evidenciamos em uma pesquisa preliminar em que colhemos depoimentos desses sujeitos. Ao convidá-los a adentrar o parque e tirar fotografias do mesmo, a pesquisa tentou provocar deslocamentos nesses modos recorrentes de ver e narrar, buscando traçar por entre as imagens algumas linhas de fuga. Entre imagens e deslocamentos pelo parque emergiram marcas de infância, projetos de futuro, desejos de lazer, potencialidades diferenciais de convívio. Mais do que traçar deslocamentos nos olhares e nas narrativas dos sujeitos, as quais nós não queríamos controlar, instaurando um modo pretensamente nosso de ver, concluímos que a experimentação provocou em nós mesmos, pesquisadores, uma diferença. Nem o parque, nem nós permanecemos mais os mesmos.



Palavras-chave: Educação ambiental; Fotografia; Estudos culturais.

Abstract

This article intends to reflect about a singular experimentation in environmental education. The central purpose of the text is to show the investigation methodological off ways and their construction forms, related to the authors' political wishes. In the article, we do not grant importance to the explanation of the theoretical bases. They are, only, tenuously indicated throughout the text. The investigation was inspired in a post-modern environmental education, theoretically articulated at the contested, multifaceted field of the cultural studies. In addition to that, the text intends to promote dislocations in the forms of viewing, narrating and thinking about a urban park environmentally protected in the metropolitan region of Florianópolis, South of Brazil. This place is commonly seen and referred to as 'desertic', 'abandoned', a 'weird people's place' by neighborhood residents, as we show clearly in a preliminary reserch in which we get testimonies of these subjetcs. When they were invited to enter the park and take photos, the reserch tried to provoke changes in the usual manners of seeing and relating. By doing that, we tried to delineate through the images some different views. Through images and displaces across the park, childhood memories emerged, future projects, leisure wishes, difference social contacts. More than provoking displaces in the views and narratives of the subjetcs, in which we did not want to control and/or to impose our manner of seeing, we concluded that the experimentation provoked a difference. Neither we, nor the park stayed the same.

Keywords: Environmental education; Photographs; Cultural studies.

Em um belo conto de Clarice Lispector (1998), a personagem principal, Ana, chega, quase sem querer, a um Jardim Botânico. No conto, este espaço tão comum em trabalhos de educação ambiental (chamados de não-formais, mas que atendem alunos do ensino escolar formal), não estava composto para ser compreendido, explicado, ensinado. Havia, acompanhando os andares de Ana por aquele enigmático Jardim, silêncios, sons, espantos, estranhamentos. Quem não pergunta sobre aquele estranho lugar, mas sobre essa forasteira figura que atende pelo nome de Ana? Educadores ambientais construiriam suas indagações focando o Jardim Botânico ou a



vida de Ana que caminhava, repentinamente, por aquele espaço?

Os perigos nos dias de Ana estavam marcados por certa hora da tarde. Aqueles momentos em que tudo em sua casa já estava limpo, encaminhado e organizado. “Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se” (Lispector, 1998, p.19). Sua precaução era cuidar dessa hora perigosa da tarde. Temos também uma hora perigosa da tarde em nossas vidas? Ela se reverbera ou permanece guardada quando estamos praticando educação ambiental?

Em um dia qualquer, Ana estava sentada em um bonde (ainda havia bondes nos tempos de Ana) voltando das compras. O trânsito não permitia ao bonde fluir (já havia trânsito intenso nos espaços urbanos percorridos por Ana). Pela janela ela avista um homem cego mascando chicles. “Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê” (p.21). De repente, Ana dá-se conta de sua insuportável piedade para com o cego. Esse sentimento através do qual podemos possuir o outro, conhecê-lo, oferecer-lhe toda nossa boa intenção, nossa soberania e nosso orgulho. Como diz Mèlich (1998), “a consciência intencional não pode entrar em relação com o outro sem que este acabe reduzido a cinzas” (p. 171).

Mas ali, naquele bonde, Ana sufocava com sua piedade e respirava ofegante. Sua vida estava tão bem apaziguada; cuidava tanto dela. Porém, “um cego mascando goma despedaçava tudo isso” (Lispector, 1998, p.23). Através da piedade, à Ana aparecia uma vida repleta de náuseas.

Ana, por um instante, atende ao chamado do cego. Desse outro que não a vê, que não se deixa compreender, que escapa no movimento do bonde. Ao olhá-lo, é sua intencionalidade para com o cego que se torna repentinamente insuportável. A ela restou uma carícia¹ provocada pela simples presença do outro, seu sussurro que desliza a pele. Ao atender o chamado do cego, Ana desce do bonde e entra, quase sem querer, em um Jardim Botânico (uma parada que não era a sua e que nunca havia prestado atenção, pois sempre descia antes para voltar à sua casa).

O Jardim Botânico, como um parque de proteção ambiental (uma Unidade de Conservação), possui uma língua e exige que através dela aquele que chega solicite hospitalidade (Guimarães, 2005). Lá, há coisas para serem vistas, compreendidas e explicadas. Porém, atônita, Ana, que seguia o chamado do cego, simplesmente entra.

¹ “A carícia, da qual estou falando aqui é tímida e frágil, em qualquer momento se pode romper ou quebrar. (...) É uma carícia que não toca nada nem ninguém, que simplesmente sussurra, desliza sobre uma pele, sentindo a presença do outro, que é uma ausência, que é um vazio, que é o grande paradoxo da imanência e da transcendência ao mesmo tempo” (Mèlich, 1998, p. 176).



Não sendo vista, não sabendo, muito menos, onde exatamente se encontrava, não fazendo parte de qualquer atividade pedagógica de educação ambiental, Ana, simplesmente, entra em silêncio em um Jardim Botânico.

“Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante e sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas” (Lispector, 1998, p.25). De repente, aquelas árvores, frutas, cores, pássaros mostravam-lhe a crueza tranqüila do mundo. O Jardim Botânico assustadoramente lhe revelava que pertencia “à parte forte do mundo - e que nome se deveria dar à sua misericórdia violenta?” (p.27). Um cego a levou ao que de pior existia nela mesma.

O que faria se sempre seguisse ao chamado do cego? “O que o cego desencadeara caberia nos seus dias?” (p.29). Que pedagogia foi oferecida pelo Jardim Botânico? E se o Jardim Botânico também estivesse na sua cozinha? Formigas, verduras, mariposas, ácaros, besouros; na cozinha há uma vida silenciosa, lenta e insistente. E se o Jardim Botânico (ou, agora, também, a cozinha) sempre capturasse e expusesse suas detestáveis e insuportáveis piedades?

A história de Ana nos permite perguntar: como praticar educação ambiental sem aniquilar o outro, sem instaurar um único caminho para ações, apropriações e *preenchimentos* de um determinado território: um parque, um jardim, um bosque, uma praça? Esses são lugares comumente convertidos em espaçamentos interessantes para trabalhos não-formais de educação ambiental. Aliás, por que teimamos em “naturalizar” o ambiente no qual se pratica educação ambiental? Ou seja, por que quase não conseguimos praticar educação ambiental no centro de uma metrópole urbana?

Que educação ambiental poderia ser produzida se acolhêssemos o que nos propõe Marcos Reigota (2002): providenciar um banquete antropofágico em espaços “onde se possam ‘deglutir’ o máximo possível, apresentar e desenvolver suas alternativas, sintonizadas com a sua época, exigindo e construindo uma sociedade mais justa, equânime e ecologicamente sustentável” (p. 60)?

Nesse ensaio contaremos um pouco sobre uma pesquisa em educação ambiental que produzimos; seus caminhos e descaminhos singulares – impossíveis de serem reaplicados em outro lugar, com outros sujeitos; mas uma experiência de construção investigativa que pode nutrir inventividades outras. Ela diz respeito a um parque, que como o Jardim Botânico do conto está repleto de silêncios, de estranhamentos, de cores e de sons. Da crueza aparente do espaço, vão se



configurando imagens, caminhos, descaminhos, mesclas e reconfigurações de modos de ver e de narrar deglutidos por uma orquestração política: se deseja conseguir ver um espaço tido como “desértico” (trata-se de uma Unidade de Conservação tomada, pelos moradores do seu entorno, como abandonada) com outros olhos.

Através de nossa pesquisa em educação ambiental, convidamos os moradores a entrarem no parque. Com isso, desejávamos, tal como o Jardim Botânico produziu em Ana, não modificar (com nossa prática) o próprio parque (sabíamos que não poderíamos retirá-lo, repentinamente, de sua condição narrativa de “deserto”), mas permitir que os sujeitos que o visitavam pudessem deslocar a si mesmos (e, com isso, quem sabe, protagonizar outras narrativas e imagens sobre o parque). Ao final o que efetivamente podemos dizer que conseguimos foi provocar intensos deslocamentos em nós mesmos!

Descaminhos de uma pesquisa em educação ambiental

Na pesquisa “Meio Ambiente e Fotografia: pedagogias em um Parque urbano” são relatadas experiências de um trabalho de educação ambiental realizado com os moradores do entorno de uma Unidade de Conservação, no qual a pesquisadora (co-autora desse artigo) vai tecendo e destecendo os caminhos da pesquisa a partir das diferentes perguntas e situações que surgem ao longo das experiências de campo e de leituras teóricas do campo dos estudos culturais e dos entornos pós-modernos da educação ambiental brasileira.

Assim, a linguagem subjetiva em forma de narrativa do texto da pesquisa e a constante construção e desconstrução das metodologias arquiteta uma história, que busca trazer para o campo científico (trata-se da produção de um trabalho acadêmico) as experiências, sensações e aprendizagens da pesquisadora. Num constante caminhar em diferentes trilhas e alternativas para o direcionamento da investigação.

Dessa maneira, a forma de conduzir o trabalho se caracterizou como uma pesquisa “que se propõe a transformar e transforma-se na relação” que se estabeleceu entre pesquisadora e os sujeitos da investigação (Wunder *et al*, 2007, p. 70); que tentou “devorar” a arena de significados com a qual se trabalhou e assim deixou-se transformar, à medida que novas perguntas surgiram das vivências do trabalho.

Essa pesquisa, portanto, seguiu caminhos pouco trilhados, construiu-se sobre



“bases móveis” que podiam ser alternadas e alteradas em sintonia com os desejos políticos postos em circulação pela pesquisadora: queria-se potencializar aos moradores do entorno do parque outros olhares, imagens e narrativas, para além de uma escritura do abandono do parque (produção hegemônica circulante entre os sujeitos enredados à pesquisa). Portanto, desde o princípio, o trabalho se propôs diferente de uma educação ambiental que busca comumente estabelecer uma relação “correta” das pessoas com o ambiente em que vivem, desconsiderando assim as multiplicidades de relações em jogo naquele lugar. Buscou-se então com o trabalho tentar aproximar-se de uma educação ambiental que:

“(...) não aceita passivamente andar pelos caminhos já cansativamente trilhados. Não anda a procura de mapas seguros feitos com tintas eternas. Antes, pelo contrário, aceita o desafio pós-moderno de fazer o mapa durante o caminho. Aceita partir para o mar revolto dos tempos atuais apenas com o rascunho nas mãos” (Barcelos e Silva, 2007, p. 144).

Com essa vontade de transformação o trabalho foi empreendido. Assim, de setembro de 2007 a junho de 2008, a pesquisa foi construída no entorno e no interior do Parque Ecológico Municipal de Palhoça, Estado de Santa Catarina, Brasil. Este parque, situado no centro do município de Palhoça², é fortemente pressionado pela urbanização crescente e, desde a sua criação em 1996, encontra-se efetivamente abandonado pelas autoridades responsáveis por sua manutenção (fato que, a nosso ver, fortaleceu as imagens, narrativas e olhares de abandono tecidos pelos moradores do seu entorno).

Os moradores da rua que se finaliza na entrada do parque, pareciam vê-lo (em nossas primeiras entrevistas) como uma ameaça à segurança deles próprios, pois, através de suas falas, todo o conjunto de freqüentadores do local foi instituído como “estranhos”. Estes iam ao parque (na ficção narrativa dos moradores) para cometer atos ilícitos como contrabandear produtos, consumir drogas, prostituir-se. Além disso, a área do parque é praticamente toda constituída de um fragmento de manguezal, que muitas vezes é visto como área de menor importância, um ambiente inóspito, principalmente pela sua aparência pantanosa e pelo cheiro proveniente da grande decomposição da matéria orgânica e da ciclagem de nutrientes presentes nesse ecossistema. Dessa maneira, repetidas vezes os moradores da rua que desemboca

²O Município de Palhoça está situado proximoamente ao município de Florianópolis – capital do Estado de Santa Catarina. O Estado pertence à região Sul do Brasil.



no parque fizeram mobilizações para o fechamento do mesmo (para a sua destituição, definitiva, de seu estado desértico repleto de “estranhos”).

A pesquisadora, bióloga, também uma moradora das vizinhanças do parque, o enxergava, certamente, de outras maneiras, mirando outras características do lugar: sua beleza, sua importância ecológica, sua potencialidade como área de lazer. Assim, via nestes conflitos a necessidade de uma intervenção que possibilitasse que esses moradores focassem o local com outros olhares, construíssem outras imagens, tecessem diferentes narrativas, que não aquelas com os quais já estavam acostumados a repetir incansavelmente – o parque sujo, abandonado, mal-cheiroso e repleto de “estranhos”. Através de uma prática de educação ambiental, buscaram-se, enfim, maneiras que possibilitassem que os moradores enxergassem o parque de outros modos.

Contudo, não se pretendia com o trabalho que o olhar da pesquisadora, que é um olhar maravilhado pelo lugar, fosse uma rota única para a construção de imagens, olhares e narrativas. Como lembra Guimarães (2006),

“(...) os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza [e o ambiente] são frutos do momento histórico em que vivemos. Muitas vezes, não percebemos que os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros, tudo isso, são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura” (p. 7).

E estamos entendendo cultura de um modo ampliado, ou seja, não mais “como resultado de um longo processo de elaboração, sofisticação e erudição (...), mas sim como um processo ágil de *deglutição* cotidiana de inúmeras referências” (Reigota, 1999, p. 26-27). Partindo deste pressuposto, a pesquisa queria se afastar da possível formação de uma dicotomia, “olhares do bem e do mal” em relação ao parque, que poderia ser gerada, quem sabe, a partir de intervenções tradicionais de educação ambiental (na qual já se iria a campo com um protocolo determinado e fixo de intenções). A pesquisadora pretendia potencializar uma reflexão sobre as imagens e as narrativas que os próprios moradores teceriam sobre o parque. Como considera Barcelos (2005), é importante trazer para a educação ambiental atual a “discussão das questões sociais, políticas, econômicas e culturais” e assim, com este trabalho, estar aceitando “o desafio antropofágico de relacionar-se com o outro desde que esse outro



não tenha a dominação e o aniquilamento cultural como premissa”.

Desse modo, foi intenção do trabalho, desde o princípio, gerar olhares, imagens e narrativas diversos, que entrelaçassem as da pesquisadora com as das pessoas que cotidianamente relacionavam-se com o parque (já que são sujeitos que vivem muito próximos ao local). Com isso o objetivo principal de pesquisa configurou-se em torno da seguinte questão: que visões os moradores que narram o parque negativamente poderiam construir se fossem levados a conhecê-lo de outros modos, que não aquele ao qual já estavam acostumados? Enfim, a pergunta que passou a nos atormentar foi: será que se os moradores pudessem ser levados a criar outras imagens do local, eles, efetivamente, deslocariam a visão negativa que parecia estar tão arraigada nos modos como enunciavam o parque? Para Carvalho (2004),

“(...) as nossas idéias ou conceitos organizam o mundo, tornando-o inteligível e familiar. São como lentes que nos fazem ver isso e não aquilo e nos guiam em meio à enorme complexidade e imprevisibilidade da vida. Acontece que, quando usamos óculos por muito tempo, a lente acaba fazendo parte de nossa visão a ponto de esquecermos que ela continua lá, entre nós e o que vemos, entre os olhos e a paisagem” (p. 64).

Assim, é provável que os moradores tenham deixado (como dito acima) que *lentes*, representadas pelas situações que os afligiam em relação ao parque, passassem a fazer parte de seus próprios olhos. Mas, como fazer com que os moradores vissem o parque para além de um espaço “desértico” repleto de “problemas”, além da visão comumente negativa, além daquelas *lentes* já tão cotidianas? Assim, pensamos: se a intenção é provocar deslocamentos nas imagens que os moradores têm do parque, quem sabe, então, possamos convidá-los a produzir imagens fotográficas do local.

A partir desta reflexão, de que as imagens fotográficas talvez fossem uma maneira de realizar um deslocamento nos olhares destes moradores, ampliando seus focos e abrindo espaço para novas visões, porque não inserir na frente destes olhares, *lentes*? Mas não aquelas *lentes* tão empoeiradas pelo tempo e pelas situações repetitivas que os levavam a ter uma única possibilidade de foco e sim *lentes* pouco transparentes, que embaralhassem significações e provocassem “teceduras de relatos e reflexões sob o crivo do testemunho vivo, todos alinhavados pela função de enxergar” (Ribas, 2003, p. 70), e que gravassem estas imagens, para que pudessem



ser novamente narradas e com isso, que outras narrativas sobre o parque pudessem ser contadas.

Assim, estimulada por algumas leituras, a pesquisadora passou a considerar a fotografia como um meio de propiciar aos sujeitos lançarem outros olhares para o parque, já que a fotografia, como dito acima, é algo simbólico e assim capaz de traduzir relações culturais e até mesmo construí-las, ao mostrar sentimentos e expressões que dispensam, algumas vezes, palavras.

Deste modo, utilizou-se a fotografia como uma pedagogia para a criação de novas narrativas e olhares sobre o parque. Por conseqüência, a pergunta desta pesquisa foi ligeiramente modificada para: que imagens os moradores que narram o parque negativamente poderiam construir se fossem convidados a percorrer e fotografar aquele espaço?

A partir desta pergunta, como efetivar tal orquestração política? Assim, para buscar resposta a esta indagação que, por fim, direcionou a construção desta pesquisa, uma das etapas da investigação consistiu em levar os moradores em grupos até a sede do parque para um “passeio” (já que apesar de morarem próximos não visitavam aquele lugar “desértico”, abandonado e repleto de “estranhos”) para que desta maneira pudessem registrar suas visões por meio de fotografias.

Para a realização desta atividade, uma inspiração fílmica foi o documentário intitulado: “Nascidos em bordéis”, que narra o cotidiano de crianças nascidas em bordéis na Índia. No filme, as crianças são levadas, por uma estrangeira, a registrar fotograficamente seu dia a dia e, através das imagens construídas, pensar sobre o mundo e projetá-lo para além daqueles espaçamentos cotidianos repletos de significações, de sentimentos e de existências.

Assim, inspirados neste vibrante documentário, convidamos os moradores a irem ao parque e, com uma máquina fotográfica em punho, a pesquisadora lhes concedeu o seguinte convite: “em pelo menos duas fotografias, registre a imagem que você tem do parque.”

O passeio dos moradores junto com a pesquisadora pelo parque não teve um percurso pré-determinado. Esta aparente liberdade teve a intenção de deixar que o trajeto parecesse um “passeio” e não uma “tarefa” – uma obrigação de estar ali – e também porque era interessante para a pesquisadora que os moradores a guiassem pelos lugares que quisessem mostrar. Assim, durante a caminhada os entrevistados



fotografaram o parque e contaram histórias sobre determinada cena, determinado ambiente, determinada planta. Desta maneira, durante todo o passeio falaram sobre a sua relação com o parque, uma conversa em que a pesquisadora mais ouviu do que falou, pois ficava escutando cada detalhe novo, cada lembrança que surgia e se enredava naquela teia de falas que se formava. Estas falas foram gravadas registrando esses diálogos que depois foram transcritos. Inicialmente, a gravação dos arquivos de áudio das saídas não havia sido planejada, porém, à medida que estes diálogos foram transcritos, mostraram-se muito interessantes, tal a riqueza de narrativas que foram coletadas. Tanto que essas conversas constituíram-se grandes fontes de falas e olhares.

Assim, a partir das imagens construídas pelos moradores, surgiram outras questões que, juntamente com a pergunta anterior, constituíram, finalmente, o eixo principal do trabalho (que o leitor está vendo como ele vai sendo paulatinamente modificado, tecido sem caminhos seguros, mas como descaminhos instigantes a cada passo): “que imagens os moradores que narram o parque negativamente poderiam construir se fossem levados a percorrer e fotografar aquele espaço?” E mais: “como esses mesmos sujeitos narram suas fotografias?” “Tais narrativas e imagens são diferentes das que eles traçaram nos depoimentos que haviam sido coletados antes da atividade?”

Dessa maneira, além do passeio ao parque para a produção das fotografias, a outra etapa da pesquisa consistiu em solicitar a cada morador-fotógrafo que escolhesse duas fotografias produzidas no passeio para a construção de uma narrativa escrita. Foi requerido que eles contassem, por escrito, alguma história sobre elas. Solicitou-se que essas histórias poderiam ser inclusive ficcionais, ou seja, pensadas em um tempo presente, passado ou futuro. A única ressalva era que as narrativas tivessem como cenário as imagens capturadas pelas duas fotografias escolhidas.

As narrativas foram assim requisitadas por dois motivos: primeiramente, acreditou-se que se os moradores criassem uma história sobre as imagens, ela viria impregnada de seus valores, de suas idéias, e que essas poderiam vir apresentadas de outras maneiras, que não aquela que já se estava acostumada a ver e ouvir: o parque como lugar de abandono e de “estranhos”. Outro ponto – talvez o mais importante – é que escrever impõe ao sujeito que ele reflita sobre o que escreve, sobre seus pensamentos que pouco a pouco vão passando ao papel. Assim, a



intenção era fazer com que os moradores pudessem medir as palavras, repensá-las.

Esta parte final da pesquisa teve como objetivo ter uma fonte documental (além das imagens) para as análises sobre as visões dos moradores em relação ao parque. Essas análises buscaram esmiuçá-las, porém, assim como em todo trabalho, a investigação não buscou mostrar uma verdade única sobre a relação dos moradores com o parque, mas sim as múltiplas possibilidades de imaginações e escrituras.

Ao final da investigação, imagens de várias ordens estavam dispostas à nossa frente. Os textos escritos reforçaram, majoritariamente, os depoimentos recorrentes de um parque distante, mas, agora, ao mesmo tempo tão próximo; “desértico”, mas ao mesmo tempo tão repleto de marcas da infância daqueles sujeitos; abandonado, mas ao mesmo tempo tão vibrantemente denso de verdes e de sonoridades; cheio de “estranhos”, mas ao mesmo tempo estranhamente pouco ocupado pela sua vizinhança, tão carente de espaçamentos de lazer, de convivências familiares mais densas. Enfim; não podemos medir, efetivamente, os deslocamentos que as fotografias e as escrituras provocaram naqueles sujeitos, mas sabemos que a pesquisadora, tal como Ana quando se viu em um Jardim Botânico, não é mais a mesma desde quando entrou pela primeira vez, quase sem querer, naquele parque, como que se estivesse atendendo ao chamado de um cego.

Referências Bibliográficas

- Barcelos, V., & Silva, I. S. (2007). Saberes, sabores e devorações – para uma educação ambiental antropofágica e pós-moderna. In A. M. Prevê, & G. Corrêa, (Orgs.), *Ambientes da Ecologia: perspectivas em política e educação*. Santa Maria: UFSM.
- Barcelos, V. (2005). Antropofagia cultural e educação ambiental – contribuições à formação de professores(as). *Anais da 28ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação*, Caxambu. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt22/gt221091int.rtf>
- Carvalho, I. C. M. (2004). *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez.
- Guimarães, L. B. (2005). É possível um território familiar estar ao mesmo tempo estrangeiro? In C. Skliar (Org.), *Derrida e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Guimarães, L. B. (2006). A natureza na arena cultural. *Jornal A Página*. Portugal: ano 15, número 155, página 7, abril. Disponível em <http://www.apagina.pt/>



arquivo/Artigo.asp?ID=4517

Lispector, C. (1998). *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco.

Mèlich, J.-C. (1998). A resposta ao outro: a carícia. In J. Larrosa, & N. Perez (Orgs.), *Imagens do outro*. Petrópolis: Vozes.

Reigota, M. (1999). *Ecologistas*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Reigota, M. (2002). *A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. 2ª. Edição. São Paulo: Cortez.

Ribas, M. C. (2003). Depoimentos à meia luz: a *Janela da Alma* ou um breve tratado sobre a miopia. *ALCEU*, 3(6), 65-78. Disponível em: http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n6_Ribas.pdf

Wunder, A., Speglich, E., Carvalho, F. A., & Amorim, A. C. (2007). A educação ambiental: entornos pós-modernos. *Pesquisa em Educação Ambiental*, 2(2), 67-87.